

AS FESTAS NOS QUILOMBOS CONTEMPORÂNEOS E AFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE ÉTNICA

MOURA, GLORIA

97ST0221

XXI Encontro Anual da ANPOCS

O ritmo de vida nas comunidades negras rurais é marcado intercaladamente pelo som dos instrumentos de trabalho no campo e batida dos tambores que acompanham as festas. Através dos tambores pode-se contar a história dessas comunidades, de suas lutas, de seus momentos de alegria e tristeza. São os tambores os arautos da vida e da morte, dos nascimentos e casamentos, aniversários, das buscas de solução para os problemas da terra invadida e tomada, da morte real e simbólica, quando espantam os maus agouros das plantações com a dança do João do Mato. São ainda os tambores que servem para lembrar aos moradores que eles são diferentes da sociedade circundante e que, assim como são, merecem respeito e merecem viver. É o toque dos tambores sagrados que dá a dimensão da vida e da possibilidade de festejar. É em torno dos tambores que se dão os encontros: basta tocá-los e as pessoas vão se aproximando. É sempre através dos tambus, como eles chamam, das caixas, que se dão as reuniões, as festas. No Maranhão, na comunidade de Santa Rosa dos Pretos, quando morre alguém, há o toque do tambor de choro e depois o toque do tambor de alegria. A esperança que invade, sempre, os habitantes dos quilombos é traduzida pela alegria de brincar, cantar, tocar, representar. Quer seja rezando para os santos padroeiros, quer seja assumindo personagens imaginários de reis, rainhas, pajens, quer seja recebendo os invisíveis, os voduns, os encantados, os moradores das comunidades dão mostra do quanto necessário é festejar.

A música é um dos fatores que explicita para essas comunidades quem são verdadeiramente. Para todos os eventos há um determinado tipo de música. Na comunidade de Mato do Tição e na comunidade de Santa Rosa dos Pretos, os moradores contam que no passado cantavam cantigas de oito, isto é, cantigas que acompanhavam o trabalho no campo. Seu João Batista Pinto, marido de D. Divina, conta histórias de turmas de trabalho que cantavam, e às vezes, na volta da roça, quando tinham que atravessar o rio cheio, davam as mãos e cantavam para se apoiar um ao outro. O que dizer então das festas! A música perpassa todos os rituais e marca indelevelmente as comunidades, pois nas letras das músicas histórias e valores são passados de geração em geração. Elemento universal de entendimento entre os homens, a música tem uma força real nas comunidades pesquisadas.

Escolhi fazer o recorte das festas das comunidades negras pesquisadas para tentar entender uma dimensão essencial do seu modo de vida, seu modo de estar no mundo. Observando o conteúdo das músicas entoadas nos rituais, observando os gestos dos corpos dançando, as vestes usadas nos rituais de tambor de mina ou no maçambique, os instrumentos musicais utilizados, a religiosidade, os costumes registrando-os em fotos, e com base nos depoimentos dos moradores, pretende-se desvelar um pouco desse trecho de uma história do Brasil não conhecida. Conhecer essa realidade rural que, apesar de semelhante a do restante do país, mantém características diferentes, em relação à terra. É o modo de circulação de sua cultura que se deseja demonstrar, a memória dos moradores denunciando como os símbolos que a perpassam se mantiveram e como se atualizaram.

As práticas religiosas, inseparáveis das festas, revelam importantes aspectos da dinâmica cultural que se pode observar nas comunidades negras rurais. O ritual aparece aqui como o modo que têm essas comunidades de apresentar para si mesmas sua organização social, como ela se desmonta e se remonta ciclicamente. Através das constantes que se repetem no tempo, pode-se perceber a estrutura que articula essas celebrações festivas, e quanto mais elas são insistentes mais se vê quanto são semelhantes. Em todas as comunidades que conheci, a fé é um fator de muita significação, mas com a maneira mestiça de ser, mesclando elementos católicos e africanos.

Nas festas dos quilombos contemporâneos, pode-se verificar uma série de atitudes rituais que valorizam as tradições da comunidade com o sentido de perpetuá-las. Mesmo quando os mais jovens, em busca de emprego e salário, saem para trabalhar fora da comunidade, ainda assim mantêm o vínculo com ela, participando das

suas festas maiores, das comemorações e dos rituais, e desempenhando nelas o seu papel habitual. A importância de manter o sentido de pertencimento leva os que saem a voltar na época da festa. É assim a necessidade de valorização da sua própria cultura e portanto da afirmação da sua visão de mundo, de entrada na busca do sobrenatural e do tempo mítico da festa, que os impulsiona.

SANTA ROSA DOS PRETOS - Maranhão

São várias as comemorações existentes nessa comunidade. Há, antes de mais nada, a tradição do tambor de Mina, cujos toques acontecem durante as festas do Divino Espírito Santo, de São Benedito, de Santa Ana, em 25 de julho, de Santa Bárbara, em 3 de dezembro e de São Lázaro nos dias 1, 2, 3 e 4 de fevereiro. Outras celebrações envolvem manifestações culturais como o terecô e a dança do coco, o tambor de crioula e o tambor de choro.

Há assim festas cíclicas e ocasionais, sagradas e profanas, mais ou menos abertas a um público vindo de fora. De todas a comunidade participa e todas elas revelam, de forma mais ou menos explícita, um elemento de devoção. Por exemplo, o canto de benditos é realizado sem data e hora previstos. Bendito é um tipo de canto religioso usado para louvar os santos e acompanha rezas e procissões. Pituca, a moradora mais antiga da comunidade, que em 1997 tinha 99 anos, era rezadeira e cantava benditos. Um dos mais conhecidos era em honra de São Benedito:

Meu São Benedito sua manga cheira
a cravo e rosa, a flor de laranjeira.
Que santo é aquele que vem no andor?
É São Benedito e Nosso Senhor.
Meu São Benedito com Jesus menino
É santo de todos do amor divino.
Meu São Benedito já foi cozinheiro,
E hoje ele é santo de Deus verdadeiro.
Meu São Benedito, estrela do norte,
Guiai-me, meu santo, na vida e na morte.
Que santo é aquele que vem lá de dentro?
É São Benedito que vai pro convento.
Que santo é aquele que vem acolá?

É São Benedito que vai pro altar.
Que santo é aquele que vem na estrada?
É São Benedito com sua congada.
Que santo é aquele que vem na ladeira?
É São Benedito com sua bandeira.
Meu São Benedito vos peço também,
Que nos dê a glória para sempre. Amém.

Há também em Santa Rosa um senhor que é cantador de benditos chamado Nhozinho, que faz suas rezas na capelinha da comunidade, e um outro que, sem ser tirador de rezas, é no entanto benzedor e atende em sua casa. A capela fica situada na Barreira Funda, um dos três povoados da comunidade. Nhozinho tem um livro de onde tira os benditos e rezas, chamado Cartilha do povo de Deus 7 Desse livro, canta um bendito em louvor de Nossa Senhora da Conceição :

Bendita e louvada seja / Senhora da Conceição
Abasta o nome dela / pra nos dar consolação.
O dia lá vem amanhecendo / é hora da devoção
Acordai os seus devotos / Senhora da Conceição.
Só Deus é que governa / céu e terra e toda nação.
Ele mesmo é quem protege / Senhora da Conceição.
Jesus Cristo verdadeiro / aqui estou em vossas mãos
Toma conta de minha alma / Senhora da Conceição.

Lá no céu abriu uma rosa/ trago ela na afeição
Parecendo a mãe esposa / Senhora da Conceição.

Oferecemos este bendito / temos ele por devoção
À Senhora Aparecida / Senhora da Conceição.
Outra vez oferecemos / ao Senhor que está na cruz
Que nos leve à eterna glória /para sempre. Amém Jesus.

Consideramos, no entanto, as festas mais permanentes da comunidade, que são cíclicas e quase todas devocionais.

TAMBOR DE MINA

O tambor de Mina do Maranhão é uma prática religiosa de origem africana jeje, originário do Daomé, atual República Popular do Benin. Possui semelhanças com o candomblé da Bahia, predominantemente de origem nagô-iorubá, com o xangô do Recife e com o batuque do Rio Grande do Sul, também de origem nagô-iorubá. No tambor de Mina são cultuadas entidades sobrenaturais chamadas de voduns, encantados ou invisíveis, que são identificados com forças da natureza e agrupados em famílias. As mulheres têm um papel fundamental no tambor de Mina. Em geral, cada comunidade é chefiada por uma mãe-de-santo, que comanda as voduns ou filhas-de-santo - designação usada para todas as iniciadas na religião.

O transe é uma característica dessa prática religiosa. Durante a cerimônia, os iniciados incorporam os voduns, que protegem, aconselham e conversam com os participantes.

Quando alguma iniciada cai em transe, a mãe-de-santo a ampara, ajudada pela mãe pequena. Aliás, é a mãe-de-santo que orienta todo o trabalho, vai verificando quem já está com seu vodum e toma conta de todos os ritos no barracão. Também o local em que os iniciados recebem seus encantados é fechado, antes de começarem as orações, com duas espadas cruzadas fincadas no portal de entrada. Depois que os participantes entoam cânticos da Igreja Católica, como a oração de São Francisco e o Salmo 22, além de cantarem a ladainha em latim e rezarem o terço, começa o toque do tambor .

O culto é aberto pela mãe-de-santo, que invoca os voduns por meio de cânticos entoados em língua africana misturada ao português, ou só em português. O ritmo das músicas e danças é marcado por três tambores, tocados pelos homens com as mãos, batendo no couro ou nas suas bordas: são dois horizontais apoiados sobre cavaletes e um tambor reclinado, chamado tambor da mata. O toque dos tambores é acompanhado por agogô, triângulo e cabaça, tocados pelas mulheres. Os tambores servem para chamar os voduns e se constituem em artefatos sagrados, sendo, por isso, guardados no quarto de santo quando não estão sendo usados. Os tambores são feitos de troncos de árvores e recobertos de couro. Próximo ao pegi, que é o altar, ficam o tocador do tambor da mata e a tocadora de cabaça. A parede do barracão é enfeitada com quadros de santos e figuras de santos de papel. Também no pegi, há muitos santos católicos, velas, terços e outros símbolos católicos.

No tambor de Mina, o culto é feito através da dança. A movimentação começa com uma estrutura circular, com movimentos diferenciados dos pés e se torna mais brilhante à medida que os voduns vão se incorporando nos iniciados. As roupas e suas cores devem ser observadas, pois identificam as mães-de-santo, que usam saia azul e lenços vermelhos na cintura e no ombro. Os fios de contas, colares usados no pescoço, são representativos do vodum a que pertencem. Usam uma toalha na mão, que será amarrada na cintura depois que entrarem em transe. A toalha serve para separar dos outros a pessoa em transe e distingue o vodum da pessoa (Ferreti, S.: 1985:167).

SÃO LÁZARO

A festa de São Lázaro dura quatro dias e é realizada no barracão do tambor de Mina porque faz parte do calendário festivo do tambor. No primeiro dia acontece, após a preparação da comida, o banquete dos cachorros ou mesa de São Lázaro e a dança do côco. Nos três dias subsequentes, os iniciados dançam o

tambor de Mina, respectivamente em homenagem aos brancos, negros e caboclos. Nesta comemoração em louvor ao santo protetor dos leprosos e doentes, pede-se pela saúde e pela vida.

Os preparativos começam ao raiar do dia com a matança de animais que serão consumidos no banquete. As filhas-de-santo preparam a comida ritual (arroz, macarrão, galinha e torta), que será servida aos meninos e cachorros durante a mesa de São Lázaro. Uma tomará conta da assadeira da torta de legumes que fica sobre a palha de bananeira num fogareiro de ferro. Outra mexerá um caldeirão fora do fogo, enquanto outros caldeirões de ferro podem estar sobre o fogo improvisado numa trempe de pedras. Sob uma árvore frondosa, outra catará arroz numa peneira. No chão se poderá ver o abano para manter o fogo aceso. Todas as iniciadas no barracão têm suas funções bem definidas.

A parte mais importante do ritual está, porém, na mesa de São Lázaro. A tradição da mesa de São Lázaro existe no Ceará, Piauí e Maranhão. As tradições populares de São Lázaro e São Roque se confundem no Brasil e sempre são relacionadas com feridas, doenças de pele ou epidemias, em que o cão aparece como animal sagrado. No candomblé, São Lázaro é associado a Omolu ou Obaluaíê, o orixá que afasta as doenças. Ferreti informa que o banquete dos cachorros

é uma tradição do Norte e Nordeste, originada no catolicismo popular ibérico (1995:149).

Na mesa de São Lázaro congregam-se, numa mesma mesa posta sobre uma toalha de plástico colorido estendida no chão, sete meninos e sete cachorros; é oferecida às crianças e aos cachorros comida ritual, em pratos idênticos. O culto, orientado pela mãe-de-santo, inicia-se com ladainha em latim, cânticos e orações que lembram a diminuta força dos homens quando se vêem sem a proteção divina. No centro da mesa é colocada uma imagem de São Lázaro, amarrada com uma fita vermelha, e uma vela. Ao lado da imagem fica uma cuia grande com aluá, bebida feita de abacaxi e oferecida aos voduns, que será servida posteriormente aos participantes para afastar os males físicos. Muitas velas acesas compõem a mesa. Os meninos e os cachorros consomem toda a comida do prato e as migalhas que caíram sobre a toalha são recolhidas, porque são sobras de comida sagrada e não podem ser espalhadas pelo chão. Uma das músicas cantadas durante a cerimônia diz:

Essa mesa nos ensina / todo o bem que a gente alcança
Em comum devemos por / o remédio, a medicina
Pão e vinho, segurança / alegria, fé e amor (bis).

Após o término da refeição, um ajudante do ritual, Seu Benedito, líder civil da comunidade, lava e enxuga a boca dos cachorros e das crianças. Ao final, a bebida da cuia é distribuída aos presentes. A mesa é desfeita e a mãe-de-santo recoloca a imagem de São Lázaro no altar de origem, o pegi. As filhas-de-santo seguram velas nas mãos e entoam os cânticos de finalização da cerimônia. As pessoas iniciadas, em sua maioria, vestem-se com roupas brancas. No encerramento desta parte da festa, a mãe-de-santo faz um círculo de velas no local onde o terreiro foi assentado e abençoa os participantes,

com muito amor, muita fé, que o dono do mundo é Deus. Nós somos cachorrinhos de Jesus, as ovelhas de Jesus. Vamos nos agarrá com Jesus, senão nós ficamo como?

DANÇA DO COCO

A dança do coco é uma brincadeira de confraternização de todos os habitantes da comunidade e seus convidados. Dela participam homens, mulheres e crianças que formam uma grande roda e, em duplas, se voltam sobre si mesmos, dando as costas e voltando a frente para o componente da outra dupla, em volteios binários, além de fazerem evoluções. Os dançarinos do coco balançam os braços flexionados ao redor do corpo, com os ombros um pouco para a frente e têm os joelhos não rígidos. O mandante, que puxa as cantigas improvisadas, e os tocadores de caixa e de garrafa, instrumento improvisado, que parece substituir o triângulo, ficam no centro da roda. A caixa, a mesma que é utilizada no terecô, é tocada pelo puxador. À medida que a animação dos participantes aumenta, as evoluções tornam-se mais rápidas e são acompanhadas por gritos entusiasmados dos presentes. O barracão fica pequeno para conter tantas pessoas e D. Georgina

tinha medo de permitir a saída dos dançarinos para fora, dizendo que ali ela podia controlar melhor, mas acabava cedendo à pressão de todos.

Em seu entusiasmo, os participantes parecem estar manifestados, isto é, incorporados nos seus deuses, mas nessa parte da festa não há transe. No entanto, uma das cantigas da dança do côco tem como refrão a palavra macambira que, no Dicionário Banto do Brasil (1977), significa divindade de terreiros baianos:

Olê , olê ê macambira ,
Ô, tá no pau sucupira (bis)
Senhora dona de casa,
meu fio num vai brigá
Que seu pai nunca brigô (bis).

Em frente ao barracão, a roda cresce, todos dançam e a festa vai até altas horas da madrugada, cada vez com mais gritos de animação. Sem esta confraternização profana e o ritual da mesa de São Lázaro, o toque do tambor de Mina prossegue, no entanto, nos dias subsequentes, dando continuidade à festa. Todavia, não é só a alegria da vida que se celebra ao som do tambor na festa quilombola.

Outros toques do tambor

Quando morre alguém ligado ao tambor de Mina, realiza-se o ritual do tambor de choro para despachar os pertences da pessoa falecida e invocar os voduns para proteger sua passagem para o outro mundo sem problemas. Os pertences são colocados em um coífo, balaio ou cesto que, ao término da cerimônia, é colocado no mar ou no rio. Após esse ritual, é dançado o tambor de alegria até o amanhecer.

No polo profano da festa, ocorre o tambor de crioula, uma dança de divertimento organizada em várias oportunidades, não tendo portanto data certa para ser realizada. Embora considerada um divertimento, pode ser feita para pagamento de promessa e, neste caso, antes há reza do terço e da ladainha em latim. A dança é acompanhada por cantos de improviso. É feita em forma de roda por dançarinos que requebram o corpo, especialmente os quadris. Um dançarino fica no centro da roda e escolhe o próximo por meio da umbigada, ali chamada punga, que tem origem na dança angolana semba, e é portanto de origem bantu.

Os tocadores de tambor afinam os instrumentos na fogueira, antes de serem usados, e fazem a percussão com as mãos. Ao som dos tambores feitos de troncos de árvores escavados, recobertos com pele de animal em uma das extremidades, e que são geralmente de tamanhos diferentes, dando sons distintos, os dançantes se revezam no meio da roda. Em meio à alegria de todos, a festa atravessa a noite.

MATO DO TIÇÃO - Minas Gerais

Na comunidade de Mato do Tição, as comemorações festivas são essencialmente religiosas e se referem aos principais santos cultuados - os Santos Reis, Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora Aparecida, São Benedito, São João Batista e a Santa Cruz - embora existam também outras celebrações de caráter ritual, como o João do Mato e o batuque. O candombe acompanha todas as festas de santo, sendo de origem muito antiga. Tem um aspecto ligado à feitiçaria e os tambores, também considerados sagrados, são batidos para rememorar os antepassados.

Em Mato do Tição, o ano se inicia com a festa dos Santos Reis, já que a Folia de Reis acontece entre o Natal e o dia 6 de janeiro. Os componentes do folguedo percorrem as casas recolhendo prendas e o adjutório necessário para poderem ficar todos os dias necessários procurando o Menino Jesus. Os Reis de Mato do Tição se vestem com roupas características, que os diferenciam: o rei Gaspar, que é o guarda-mor, usa um

fraque preto e máscara clara, com barba branca; o rei Baltazar, ali chamado Biné, se veste de azul e usa máscara cor de rosa com chapéu azul; e o rei Melchior, chamado Bastião, se veste de vermelho e usa máscara negra. Fundem-se assim a figura dos Magos que saíram do Oriente à procura do Deus que acabara de nascer e os tradicionais palhaços que, nas Folias, estão associados a um outro episódio da vida de Jesus, a Fuga para o Egito, representando figuras ambíguas, ao mesmo tempo ameaçadoras e caricatas e que, com suas máscaras, modos bruscos e engraçados, teriam desorientado os soldados de Herodes que perseguiram o Menino, possibilitando assim a fuga da Sagrada Família.

No ano de 1995, a Prefeitura de Jaboticatubas promoveu uma apresentação de Folias do Município no coreto armado na Praça da Matriz, no centro da cidade. É com muito orgulho que os moradores de Mato do Tição mostram o vídeo dessa comemoração, onde eles aparecem tocando e cantando. Embora esta Folia de Reis tenha características muito semelhantes aos reisados encontrados em outras partes do Brasil, o termo reisado tem na comunidade um outro significado. Reinado ou reisado é uma festa em honra de Nossa Senhora do Rosário, protetora dos negros desde o tempo da escravidão. Em Jaboticatubas, é tradição local desde o século passado, e sempre teve a participação dos negros da cidade, que se apresentavam no desfile com seu bailado diferente. D. Vanda, moradora antiga do lugar, escreveu um livro chamado Ao pé da Jaboticatubas, onde relata o Reinado:

Vindo dos tempos de arraial, o Reinado de Nossa Senhora do Rosário era a principal festa de Jaboticatubas, trazendo em suas raízes as marcas da cultura africana, sobrevivência histórica de epopéias ancestrais angolano-congolesas, tendo seu início no século XII. Representava fatos da vida: um simples cortejo real, com desfile, cantigas e danças, rememorando coroações de antigos Reis da África e suas lutas contra o colono invasor. A cerimônia da coroação dos negros está intimamente ligada à Confraria de Nossa Senhora do Rosário, politicamente introduzida no Congo pelos missionários, sendo anterior à vinda dos escravos para o Brasil (Gonçalves e Costa:1988:95).

O reinado ou reisado hoje tem feição diferente. A festa passou a ser da paróquia e a ala dos negros, com suas canções e bailados diferenciados, ficou em segundo plano. O capitão do candombe, Dante Siqueira, reclama da falta de compreensão dos organizadores da festa, que não valorizam a participação dos moradores de Mato do Tição. Hoje, roupas de veludo vestem os meninos da cidade, e as bandas de música que são convidadas a tocar encobrem a música do candombe dos negros.

É por circunstâncias como estas que algumas celebrações da comunidade acabam por desaparecer. A Festa da Capina ou João do Mato era realizada por ocasião da colheita, quando os trabalhadores cantavam e dançavam para espantar os maus espíritos que se insinuavam nas roças plantadas, prejudicando a colheita que iria começar. O João do Mato, representado por um adulto ou uma criança, era coberto de folhas e ramos e tinha o rosto pintado. É D. Vanda ainda que relata:

O chefe dos capinadores entregava ao dono da casa o pé de milho, símbolo da vitória sobre o João do Mato. Esse achegava-se, ainda tentando recuperar seus domínios. Nessa hora, os homens batiam as enxadas, fazendo o cumbá, cruzando-as para esconjurar o mato destruidor, que ameaça retornar no eterno ciclo da vida e da morte (Gomes e Pereira:1992:349).

Hoje não acontece mais a dança porque já não há plantações de vulto, mas os moradores mais antigos se lembram com saudades do tempo em que plantavam e colhiam, assim como se lembram das cantigas entoadas. Um dos cânticos era a cantiga de cumbá:

Ô,ê,ê, toda missa de padre é em latim,
Todo nego poeta é letrado,
Quem livra o réu é jurado.

Também aos poucos corre o risco de perder-se a tradição da Encomenda das almas, reza realizada durante a Semana Santa para cultuar os espíritos dos mortos, que ficam sem saber aonde devem ir porque não são mais deste mundo e não conseguiram ainda achar seu lugar no outro.

Quanto ao batuque, é uma dança de brincadeira, atualmente pouco executada em Mato do Tição. Jair diz que existem batuques de dois tipos: o paulista e o recortado. Descreve o paulista dizendo que os dançadores formam duas filas de casais, uma em frente à outra. Os componentes de cada fila sapateiam, conforme a música sugere, cada um dá uma umbigada em seu par e trocam de lado; finalmente, dançam em círculo e dão meia volta. É o violeiro que dá a ordem da dança. Os instrumentos que acompanham o batuque são a viola e a caixa e o ritmo é marcado com os pés e com palmas. Jair lembra de várias músicas do batuque, entre elas:

Ê lá em casa tem um doce
Que eu mandei fazê pra ela (bis)
Ê um doce preparado
Só pra moça donzela
A Tereza Maria Amélia.

Violêro, violê / é difícil de encontrá (bis)
E quando eu pego na viola,/ ai eu faço relampiá.

Embora algumas tradições festivas da comunidade venham desaparecendo, outras continuam a manter toda a sua força. Entre as mais importantes encontra-se a festa da Santa Cruz.

Reza do mês de Maria - Adoração da Santa Cruz

A reza do mês de Maria é uma devoção antiga na comunidade de Mato do Tição. Segundo Nilce Siqueira, responsável pela celebração, seu pai praticava essa devoção desde a idade de oito anos:

Benjamin José de Siqueira é que foi o fundador dessa reza do mês de maio. Desde o tempo de criança que ele tinha devoção com Nossa Senhora da Conceição. Ele tinha 8 anos quando começou a rezar o terço o mês de maio todinho. Ele rezava o terço sozinho. Aí, com a idade de dezoito anos, ele casou, e aí, concordou mais a esposa, que trocou uma imagem de Nossa Senhora Sant Ana e foi fazer a reza com ela. Aí o povo já foi juntando, chegando família, ajudando ele, até que juntou um mutirão....E juntou um povão dentro da casa dele. Até a idade de 74 anos, que ele faleceu, foi com esse mutirão de gente fazendo coroação.

Benjamin José de Siqueira, foi criado na casa de um padre e talvez por isso tenha conservado a devoção. A coordenação da reza do mês de Maria hoje é feita por sua filha, que se orgulha de manter viva a devoção do pai. Antigamente a coroação era realizada dentro de sua própria casa, mas hoje há uma capelinha erguida com o esforço de todos, ao lado da antiga casa paterna.

A coroação de Nossa Senhora, com a participação de jovens e crianças, acontece durante todos os dias do mês de maio. As crianças vestem-se de branco, com roupas que são guardadas de ano para ano com muito cuidado e que parecem novas, apesar de terem mais de 15 anos, segundo relata Nilce. A comunidade reunida reza o terço e a ladainha em latim, diante do altar. As rezas são acompanhadas por cânticos em homenagem à santa, entoados pelo coro composto por membros da família descendente do fundador da comunidade. A capela é enfeitada de bandeirolas, flores e imagens de santos. Há uma imagem antiga de SantAna, toda negra, do tempo de Seu Benedito, que é conservada na capela, mas que foi substituída no lugar de destaque do altar por uma maior, de Nossa Senhora de Lourdes, doada por uma visitante.

É impressionante a seriedade das crianças que fazem a coroação e das que se vestem de anjo para doarem as flores depois que cada uma coloca aos pés da santa a sua oferenda. As crianças que ficam atrás de Nossa Senhora oferecem véu, ramo de flores brancas, terço, coração vermelho de pano e finalmente a coroa, sempre entoando cânticos alusivos à dádiva. Cada criança entrega o oferecimento e recebe de outra, que está à sua frente, um ramo de flores vermelhas abundantes na região, o bico de papagaio. Segundo a Profa. Núbia Pereira de Magalhães Gomes, o gesto representa a troca de dons e contra-dons, já que as crianças que fazem as doações também recebem presentes.

Todas as crianças querem participar da coroação, mas há uma idade mínima para entrar no grupo, tendo em vista a necessidade de saber os cânticos. As netas de D. Divina e de suas irmãs são as preferidas para fazer a coroação. No entanto, no ano de 1996, havia participantes que não moram no local, alguns aparentemente brancos, que, segundo Nilce, são parentes próximos da família Siqueira e moram na sede do Município de Jaboticatubas. Naquele ano, as músicas entoadas adotaram de um ritmo mais atual.

Candombe

O candombe é uma dança de origem africana bantu, uma das muitas formas rituais em que se exprime a essência da sacralidade ancestral. O Dicionário de Cultos Afro-Brasileiros o define como :

Antiga dança de escravos das fazendas, talvez sem sentido religioso, espécie de batuque. Formação provável-kimb.: ka- costume, uso; kik.; ndombe- preto (costume dos pretos).

No Dicionário do Folclore Brasileiro, Câmara Cascudo cita o candombe do Rio da Prata como festa profana, aproximando-o dos reisados, congos, maracatus ou coroamento de reis nas festas de Nossa Senhora do Rosário (Cascudo, L.C.:1962:175).

No entanto, segundo depoimento de D. Divina:

O candombe é uma festa africana, é uma festa dos nego; muitas pessoas fala assim: povo de Congo, os nego. Povo de Congo: se fala assim, aqui em nossa terra. Eles diz assim: é macumbeiro, isto é, festa de macumba. Não é não. É do poder da festa, é o poder da fé, pelo coração, pelo poder da fé. Poderá tê alguns passe por magia nesse entremeio, mais nós não conhece. Que nós tem é a fé, a luz da fé. Que, por fé, passa na brasa e não queima.

De fato, os mistérios do candombe foram transmitidos de geração a geração, mas atualmente poucos são os que detêm esse conhecimento. Para Núbia Pereira de Magalhães Gomes:

Os tambores do Candombe chamam os antepassados e funcionam como corpos intermediários no trato entre vivos e mortos - embora não ocorra incorporação visível. Durante o ritual, os participantes realizam uma significativa movimentação corporal diante dos tambores e são exatamente os mais velhos que se movem de maneira mais característica; parece que o corpo é atravessado por uma força nova e alheia à sua estrutura, o que causa estremecimentos e gestos inesperados. É como se tivesse perdido a referência inicial e a animação do corpo - tal como ocorria no passado - já não se possa reconstruir. Perdida a matriz do gesto, o corpo do candombeiro de hoje percorre os apagados vestígios que o inconsciente registrou (Gomes & Pereira: 1988:218).

Os instrumentos utilizados são três tambores de tamanhos diferentes, chamados de tambús pelos membros da comunidade, e que são bantos pelo padre. Os tambores são escavados em tronco de árvore, tendo um pé fino e tampo de couro. Em Mato do Tição têm os seguintes nomes: SantAna, crivo e requinta. Acompanham o ritmo uma caixa, uma puíta e um guaiá. A puíta é um instrumento feito também de madeira escavada, semelhante à cuíca.

O guaiá, também chamado ingóia, inguaia, angóia ou ingualha, é uma cestinha de palha, com sementes em seu interior que fazem o som, e que é balançada com a mão, para marcar o compasso.

Os tambores são batidos para rememorar os antepassados, é em frente a eles que cada participante canta e dança: os cânticos são o elo entre o presente e o passado, entre o céu e a terra. Segundo os moradores de Mato do Tição, é a requinta que chama : é o tambor menor que puxa o som, que começa; depois, entra o crivo, que marca o compasso, e o SantAna que dobra , que acaba de entoar, como eles dizem. Os outros instrumentos - a caixa, o guaiá e a puíta - entram na sequência. A caixa, pendurada ao pescoço do tocador, tem couro dos dois lados e é tocada com baquetas. A puíta tem couro de um lado só e leva dentro uma tira de couro que deve ser friccionada com a mão envolvida em um pano molhado, para produzir um som grave.

Os dançantes dão o sinal de que querem entrar na roda botando a mão no tambú e então substituem o que está meio da roda. Não há roupas especiais para dançar o candombe. Os tocadores e os espectadores formam um círculo cujo centro é ocupado pelos dançantes, que cantam e dançam, um a um, com movimentos leves dos braços e das pernas. No candombe, a manifestação corporal se dá com os joelhos semi- flexionados e os braços soltos ao longo do corpo, e pode-se notar também que há uma ligeira curvatura dos ombros, que pode significar uma descontração dos músculos posteriores, muito importante para o relaxamento do corpo.

Neste ritual, cada participante entoa versos improvisados que fazem referência a mitos de origem, passagens do cotidiano e da história. Vários cânticos do candombe são entoados na festa de Santa Cruz, como por exemplo:

Oi, lá em baixo escureceu
Lá em cima trujejô
Curisco bateu no pau
O pau todo treme.

Oi, por aqui eu cheguei
Duas moça cochichô
Uma foi, virô pa outra
Fura saco já chegô .

Oi, tinha uma junta de boi preto
que chamava murundum
Oi, tiraro o coro dele
pa forrá esse tambu .

Eu pisei na peda
A peda imbalançô
Debaxo da peda
Jacaré gemeu [roncô]
Eu pisei na peda / a peda balanciô (bis)
O mundo estava torto
Tupinambá indireitô .

Ê tenho o nome escrito (bis)

Na capa do meu chapéu
Nosssinhô quem escreveu, ai meu Deus
No dia que fui no céu .

A importância da festa para a comunidade, e da música como seu elemento essencial de articulação, fica evidenciada na forte relação com os instrumentos musicais. Como artefatos sagrados, os tambores ficam guardados no pegi, na casa de D. Divina, além de serem bentos pelo padre. Segundo os tocadores, são de propriedade de Seu João Batista Pinto, marido de D. Divina e festeiro de São João. A caixa é usada também na Folia de Reis e pode sair da comunidade, desde que seja sob a responsabilidade de Seu Dante, que é o tocador.

Os tambores são feitos atualmente pelo filho de D. Divina e de seu João Batista, João Marcolino Pinto, ajudado pelo irmão Ney Julio Pinto. Ele conta que aprendeu a fazê-los sozinho, observando os tambores velhos. Usa madeira chamada farinha seca e instrumentos de carpintaria, além do machado, para a confecção dos tambores. Diz Marcolino sobre a feitura dos tambores:

Faço os tambores de farinha seca e faço no machado, enxó, grosa e formão. Eu começo no pé primero. Aí, pra dá acabamento, eu coloco um coro, que a gente espicha ele cruzado. Aí, vai espichano e cruzano. Dobra no lugar que precisa. Aí fica tudo pronto.

O capitão do candombe é Jair de Siqueira, que conhece as músicas e as canta inclusive em dialeto bantu, além de lembrar as estórias dos mais velhos. As estórias contadas por Jair congregam todos os filhos, sobrinhos e netos, que já conhecem as mesmas e colaboram quando ele esquece alguma passagem. Há estórias do tempo da passagem de Jesus pela terra, estórias de bichos, e há ainda as estórias verídicas dos tempos em que o candombe era cantado com porfia que hoje já não se canta mais porque sempre dava briga. A porfia é o jeito de fazer desafio, com cantigas que têm resposta. Jair diz que a porfia é ligada ao feitiço e que ali na comunidade não há feiticeiros. Mas conta caso de quando seu pai era vivo e ali vivia também uma senhora de nome Jacinta, que era candombeira e feiticeira. Certa vez, ela e mais um grupo de candombeiros estavam cantando em frente à igreja, e Seu Benedito, que não mexia com feitiçaria, entrou na porfia. Então, enquanto ela cantava, seu pai arriou:

Ê, sapo caiu na lama, gente
Lama de patiná, gente
Caiu, caiu / caiu num levanta mais.

Teve que ser salvo, levantado pelos outros candombeiros amigos, que lhe disseram para cantar em rezposta, mas ele ficou receioso. Então, um deles cantou:

Eei, jogumbá / ei, jogumbá
Óia a banda que cumbá, cumbás
Ocê memo que cumbá.

E seu pai se levantou, e nem ficou sabendo que tinha caído...

O aspecto sagrado do candombe é explicado pela comunidade por uma estória que conta do aparecimento de Nossa Senhora no mar, nos tempos da escravidão, evidenciando também seu caráter de resistência. Dizem que, naquele tempo, os senhores de escravos, juntamente com o padre, teriam usado de todos os artificios possíveis para retirar do mar uma imagem de Nossa Senhora que ali surgira misteriosamente. Então, um escravo pediu licença a seu senhor para fazer uma tentativa. Os escravos prepararam um altar de sapê e levaram três tambores; à medida que cantavam e dançavam, sempre batendo os tambores, a santa foi saindo da água, devagarinho. Quando a santa chegou à beira do mar, os brancos tiraram a imagem da água e a levaram para uma capela, entre foguetes e banda de música, enquanto os negros voltavam para a senzala. No dia seguinte, a santa não se encontrava mais na capela, pois havia voltado para o mesmo lugar. Os negros armaram novamente uma capelinha com material simples e retiraram outra vez a santa do mar, tocando os tambores, dançando e cantando. Assim, a imagem nunca mais voltou para o mar, e a santa tornou-se padroeira dos escravos. Por isso, o candombe ficou sendo um ritual sagrado, testemunha do milagre que fez a santa sair da água. Por isso também o candombe é batido como um desafio, lembrando que os negros foram desafiados pelos brancos e, na verdade, venceram pela força do tambor. O candombe constitui-se, assim, em uma das formas de

resistência do negro escravo à imposição da vontade do senhor.

FESTA DE SÃO JOÃO

A festa de São João é a principal de Mato do Tição e se realiza na noite de 23 para 24 de junho. O festeiro é o Seu João Baptista Pinto, marido de D. Divina; é importante destacar, porém, que é ela quem orienta todo o cerimonial e responde a todas as perguntas, sem aparente choque de autoridade com Seu João Baptista.

A festa inicia-se pela manhã, com a limpeza do terreiro da casa do festeiro, a pintura de cal nas paredes da casa e a preparação do mastro, que é pintado com antecedência e colocado em cavaletes, ao lado da casa, até a

hora de ser erguido. A colocação de bandeirinhas em todo o terreiro e a preparação de uma grande fogueira de seis metros de altura também ocupa os membros da comunidade. O lugar da fogueira é marcado pelos filhos de D. Divina, responsáveis por armá-la e nela colocarem bambus entre as toras de madeira, para que estourem ao queimar. A canjica que será distribuída a todos os convidados é cozida em um tacho com mais de um metro de diâmetro e guardada em latões de leite até a noite.

No final da tarde, há brincadeiras de roda e de passar anel, das quais participam crianças, jovens e adultos. As cantigas são semelhantes às aquelas cantadas em outras regiões do Brasil, as em algumas nota-se a marca característica da comunidade negra, como nestas quadras:

Você diz que preto é feio
Preto é luto fechado
É com preto que eu escrevo
Cartinha pra namorado .

Fui chamada numa festa
Pra cantá cuá baiana
A baiana cantô sete
Eu cantei sete semana.

As brincadeiras de roda estavam em desuso na comunidade, apesar de recordarem que, há tempos atrás, todos participavam delas. Foi Elza, irmã de D. Divina, que tornou possível recriar a tradição, e é a mais entusiasta para reviver as cantigas de roda, a que se lembra da maioria dos versos .

À noite, realizam a reza do terço e cantam a ladainha de São João, em latim, Ave Maria e Pai Nosso, além de vários cânticos da Igreja Católica atual, entoados pelo coro composto por membros da família, em várias vozes. São feitas orações para São Sebastião, para livrar da peste, da fome, da guerra e de todo o mal contagioso, além de orações para o dono da casa e por alma do fundador da comunidade, Benjamin José de Siqueira, de todos os falecidos da família - o nosso pessoal que Deus já chamô - e ainda por todo o pessoal candombeiro, que era acostumado passá a noite de São João. Que São João tenha pena da alma deles.

Esta cerimônia católica se realiza dentro da casa de D. Divina, sob sua liderança, diante de um altar próprio dos cultos afro-brasileiros, o pegi, onde ficam os símbolos, otás, fetiches e comidas dos orixás. Antigamente, quando havia perseguições policiais ao candomblé, este tipo de altar era usado como disfarce: era uma espécie de mesa coberta, onde ficavam, visíveis, as imagens dos santos católicos, e, na parte de baixo, escondidos, as vasilhas e os otás (pedras-fetichas que contêm axé) dos orixás. A tradição manteve os pegis semelhantes àqueles até os dias atuais.

Quando as orações terminam, acontece o levantamento do mastro de São João, cujo topo é enfeitado pelo festeiro com a bandeira do santo. Há uma crença local que diz que a figura de São João desenhada na bandeira deve ficar voltada para a casa do festeiro; caso contrário, é um presságio de sua morte. Organiza-se, então, uma pequena procissão, acompanhada por todos os presentes com velas acesas nas mãos, em direção ao mastro, onde rezam e pedem graças a São João: acredita-se que todos os pedidos feitos ao pé do mastro serão atendidos. Os fogos espoucam acompanhados de gritos, em meio à grande animação. Canta-se uma música própria para a hora do levantamento do mastro:

Olha lá belo,
Belo que vai para o céu;
Belo, belo belo.

Viemo, viemo, viemo
Oi viemo nas onda do mar
Ha, ha aiaiaiai
Ô Benedito a bandera
Da ponta da vara eu não posso tirá
Oi, ai, ai, ai (bis).

Oooo-hoiiai, hoho, he he, ai
É hoje, é dia de São João
Hoje vamo festejá
Jogá foguete pra cima
Pra fazê vortá no ar.

Levantado o mastro, inicia-se o toque dos instrumentos do candombe, que será dançado durante toda a noite. À meia-noite a fogueira é desfeita e acontece a mais impressionante manifestação de fé: moradores e visitantes, invocando São João, caminham de pés descalços sobre as brasas espalhadas pelo chão, e afirmam que não se queimam pela luz da fé.

Terminada a dança pela madrugada, no próprio dia de São João, 24 de junho, a festa se prolonga com a confraternização entre os familiares residentes na comunidade e aqueles que moram em outros lugares. No almoço para todos os visitantes, é a hora dos comentários, sobre a festa e sobre os fatos do cotidiano. A música acompanha a confraternização e todos brincam, cantam e dançam.

AGUAPÉ - Rio Grande do Sul

Como já foi registrado, há, no Estado do Rio Grande do Sul manifestações culturais com a marca africana, tais como o batuque, correspondente ao candomblé da Bahia, e ainda o quicumbi, cacumbi, ou ticumbi, que possui a mesma estrutura básica de celebrações também encontradas em outros Estados, como a Congada em Minas Gerais, a Marujada, do Nordeste mas presente também em Minas Gerais, o Maracatu pernambucano: consistem na homenagem a um rei e uma rainha negros e na representação simbólica de uma disputa ou combate entre dois grupos rivais.

Em Portugal, os escravos africanos já encenavam desde meados do século XVI a coroação dos reis de Congo nas festas de Nossa Senhora do Rosário, quando reproduziam solenidades da vida político-social de suas nações. A existência em Portugal da primeira Confraria de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos data de 1520 ou 1533. Supõe-se que essa devoção tenha surgido devido à semelhança do rosário que traz a Virgem com o rosário de Ifá, instrumento de adivinhação para consulta aos orixás, dos negros africanos (Tinhorão:1988:98).

Entretanto, no Rio Grande do Sul, assim como em Minas Gerais, existe ainda o maçambique ou moçambique, forma de dança de cortejo cujo enredo é também a representação de um combate simbólico tendo como centro a figura da Rainha Ginga. Este é um personagem histórico, sendo conhecida a luta dessa rainha de Angola que viveu no início do século XVI e, para assumir o trono, mandou matar o Rei Ngola Mbandi, seu irmão, que, por sua vez, teria mandado matar o filho de Ginga, herdeiro presuntivo do trono. A rainha conseguiu reunir várias tribos para enfrentar o rival e fez um acordo com os portugueses, em troca de seu apoio, convertendo-se à religião católica e recebendo o nome de Ana de Souza. Mais tarde, porém, renegou a fé cristã e governou a região com mão de ferro, expulsando os portugueses invasores de suas terras (Glasgow: 1982:42).

Segundo Norton Correa, antropólogo estudioso das manifestações negras no Rio Grande do Sul, e que comenta a proximidade dessa manifestação cultural com outras danças de devoção como os congos, o maçambique pode ser definido como

... um auto popular, de natureza religiosa, não folclórica. É uma forma muito africana de homenagear uma divindade, através de cânticos e danças, um pouco diferente de uma forma cristã. Homenageia Nossa Senhora do Rosário, e há a coroação de uma rainha, Ginga, e de um rei. É uma corruptela de moçambique, o que poderia fazer supor que foram negros procedentes dessa região, do antigo Congo, de Angola e de Moçambique - negros de população bantu - que o introduziram (Correa :1989).

Quanto aos grupos rivais que aparecem nas congadas de Minas Gerais, São Paulo e outros autos nordestinos semelhantes, também sugeridos no maçambique do Rio Grande do Sul, frequentemente se associa a sua simbologia aos combates de cristãos e mouros, que certamente impregnam o imaginário medieval presente em muitas dessas manifestações populares (Meyer :1995). Entretanto, em relação à origem do maçambique, é ainda Norton Corrêa que explica:

Há discussões em torno da procedência africana. Dizem que os negros teriam vindo semi-estruturados da África, e que aqui teria realmente sido efetuada esta organização, não se sabe bem. Mas poderia se questionar se esses dois grupos [presentes no maçambique], essas duas varas, como são chamados, não representariam de forma simbólica a memória do grupo, as facções que lutavam pelo poder, divididas entre a Rainha Ginga e o Rei de Congo. Afiguram-se como dois bandos guerreiros, tanto que usam espadas. Os que vão na frente, os chefes, batem as espadas uns contra os outros, configurando uma guerra simbólica. E eles se identificam pela cor: a Rainha é azul e todo o seu grupo usa roupas e fitas azuis; e a outra banda se identifica com o Rei, que é vermelho, e nas roupas do seu grupo também se usa essa cor (Correa:1985).

Em Osório, a Rainha é o principal personagem da festa e todos devem acatar e obedecer às suas ordens. Severina Maria Francisca Dias, chamada de Sibirina, é a atual Rainha Ginga e conta a história das diversas rainhas que conheceu, especialmente duas Rainhas velhas, Maria Conga e Maria Tereza:

A Maria Conga era africana e veio para cá. Ela sentava no chão e ficava brava e tinha que ir buscar o falecido Dorjelo, que era o que mandava em Osório. Era quem vinha levá-la, mas com muito jeito. Aí, ela levantava e seguia, mas quando ela queria.

A saída dela de casa, antes do início do ritual, é marcada pela ida dos dançantes até à porta de sua casa, com a bandeira de Nossa Senhora do Rosário, e acompanhada de cânticos alusivos ao momento. Ela só pode sair depois que o cântico terminar:

Quando ele canta que é preu sair com minha ordenança, eu saio com a pajem .

Esse fato revela a autoridade que a Rainha assume, devendo ser reverenciada e respeitada, pois é ela quem dá o tom de austeridade ao maçambique. Não deixa que os participantes fumem durante as apresentações e controla a quantidade de bebida que circula entre os maçambiqueiros, para que todos possam estar a postos na hora certa de tocar e dançar.

Severina, que foi pajem de D. Tomásia, antiga Rainha falecida em 1995, conta que a pajem é escolhida pela Rainha e tem um papel definido :

Eu represento uma pajem da Rainha: é arrumá a Rainha, tratá ela, vestí ela, acompanhá ela a todo lugar que ela ir. Sou obrigativa a acompanhá ela .

Entretanto, já com relação ao rei declara que ele existe apenas porque a rainha não pode estar sem um rei ! O grupo dos dançantes, por sua vez, está sob a responsabilidade de um chefe, que Severina afirma ter existido sempre:

Desde o tempo da Maria Conga havia chefes: o falecido tio Lula, o falecido tio Gaspario, avô do Luiz, o falecido Januário, o falecido Jovino, que depois que faleceu ficou o João, tratado de João de Luca. Aí, quando houve um rodeio aqui, que era pra ir lá fazer a abertura, o falecido Jorge mandou o ônibus lá buscar e, chegou lá, ele queria carro especial: ele não veio ... Aí é que entrou o Antonio de chefe. Agora, o Antonio começou muito bom, mas agora ele tem reinado, de vez em quando ele reina. Mas se vai indo, se vai levando, senão termina, e não se pode deixar terminar o maçambique. Há quantos mil e anos, que isso é desde o tempo de cativo, e isso minha avó dizia. Agora isso é da avó dela... Então a gente não pode perder. Porque de primeiro negro não tinha divertimento. Dizia minha avó que negro não tinha afeto, negro era só no serviço .

Assim, os negros de Osório têm no maçambique um elo de ligação fundamental com a vida e com a comunidade, o que faz com que a celebração mantenha uma importante função cultural e social. A dança era, até pouco tempo atrás, realizada apenas nas festas do Senhor Bom Jesus, em louvor de São Benedito, no mês de maio, e de Nossa Senhora do Rosário.

Seu Antonio Francisco, também chamado de Antonio Chico, chefe dos maçambiqueiros, conta que a festa era realizada durante nove dias e nove noites pelo Natal. Mais tarde, passou para dia primeiro de janeiro e

depois, como o padre disse que mês do rosário era outubro, quando acontece a festa de Nossa Senhora, celebração dos negros em homenagem à santa foi mudada para aquela data. Entretanto, atualmente as apresentações do maçambique têm lugar também nas escolas de Osório e em eventos turísticos em outros municípios.

A festa de Bom Jesus é realizada na própria comunidade de Aguapé, onde residem alguns negros, num distrito de Osório. Acontece no domingo mais próximo ao dia 13 de maio e comemora, com os festejos de São Benedito, a abolição da escravatura. Como conta Seu Antonio Chico,

Festa de São Benedito antigamente era 13 de maio, dia da forraria que os negros foram libertos .

Já os festejos em homenagem à Nossa Senhora do Rosário têm lugar em Osório, sendo seu início marcado pelo levantamento do mastro. Logo após, é organizado o cortejo para a entrada na igreja, composto pela Rainha Ginga e pelo Rei de Congo, guardados por seus pajens, o coronel, dois capitães de espada, o capitão da bandeira, o capitão da vara e o capitão chefe. Estes são seguidos por tocadores, que são acompanhados por duas filas de dançantes chamadas de varas e também de tripulação, provável reminiscência das Marujadas, onde o tema dos reis negros também é incorporado.

Os dançantes de cada vara vestem roupas brancas, que se diferenciam por fitas azuis e vermelhas, supostamente por referência aos cristãos e mouros, cujo combate está no centro da estrutura narrativa da dança, embora os próprios dançantes não dêem essa explicação. Pode-se observar a diferença de cor nos detalhes dos chapéus, nas calças e também nos aventais; os que usam azul ficam atrás da Rainha e os que usam vermelho ficam do lado do Rei. Alguns maçambiqueiros usam boné do tipo de soldado mais graduado. Não passa despercebido o fato de que os cargos são semelhantes à estrutura militar: chefe, capitão, configurando uma guerra simbólica em que estão empenhados.

Norton Corrêa esclarece, em relação aos cargos :

O grupo que comanda o maçambique tem uma série de cargos, postos militares simbólicos. Há capitães da espada - antigamente havia capitão da vara - e há coronel. Os cargos geralmente são transmitidos de pai para filho. O grupo que vai na frente chama-se chefia da gerência. Há um tempo atrás, havia um chefe, que já faleceu, que por muitos anos cantava na frente do maçambique, e se intitulava capitão chefe. Há uma disputa muito grande, interna, por esses postos e cargos. Não é uma coisa muito tranquila. Essas lideranças se formam de uma maneira difícil, através de uma disputa de posições em termos de capacidade, de sabedoria e principalmente de idade, o que é muito valorizado. Os velhos são os guardiães da memória (Correa:1989).

No cortejo, os dançantes se movimentam moderadamente, sob o comando do capitão da espada. Seguido por toda a comunidade, entra na igreja onde, durante a missa, na hora da consagração, o Rei e a Rainha serão coroados pelo padre. As coroas ficam sobre o altar até o momento da coroação. Os maçambiqueiros tocam as caixas e cantam dentro do templo:

O tambor tá batendo
Está repinicando (bis2x)
É nossos dançante, Senhor
Que o tambor tá chamando (bis2x)

Os reis coroados, a Rainha Ginga e o Rei de Congo, são paramentados com suas vestes azuis e vermelhas e levam consigo seus respectivos pajens. Os dançantes lotam a capela e sentam-se nos principais lugares, na ponta dos bancos, ocupados depois pelos demais assistentes. Depois da coroação dos Reis é cantada uma música adequada à ocasião:

Tá croado e bem croado / nosso grande imperador (bis2)

Tá ca croa na cabeça / croa de Nosso Senhor (bis 2)

O mesmo ritual é realizado tanto na festa de Bom Jesus, em Aguapé, quanto na festa de Nossa Senhora do Rosário, em Osório.

No fim da missa é realizada a procissão, de São Benedito ou Nossa Senhora do Rosário, conforme a ocasião, sendo o santo carregado em um andor ornado de flores. Todos saem da capela, sob as espadas cruzadas pelos capitães de espada à porta da igreja, e acompanham o séquito. Os fogos estouram nesse momento. Após a missa, os homens dançam o maçambique em frente à capela em Aguapé, em maio, e nas ruas centrais de Osório, em outubro.

As danças acontecem ao som de caixas que acompanham todos os cânticos, tanto aqueles em louvor de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito quanto os outros, de natureza diversa. Os tocadores levam penduradas no ombro as caixas feitas de latão com tampo de madeira seca e têm passando por fora, uma cordinha arrematada por uma pequena pena pendurada e que serve para fazer a afinação, são tocadas por baquetas. A música entoada no início dos festejos fala da importância do ritual aos participantes.

Nos tornozelos, os dançantes trazem massacaias, dois pequenos cestos de vime ornados com guizos contendo pedras, que servem para marcar o compasso das músicas. Câmara Cascudo os denomina de machacá que define como um balainho que os negros amarravam nos pés para suas danças, e que, cheio de frutinhas secas, servia de chocalho (Cascudo:1982). Vistos de perto, os pés de dançantes de varas diferentes revelam igualmente os frisos azul e vermelho nas calças brancas.

Na dança há várias partes na coreografia e cada uma tem seu ritmo e significado próprios, como explica o chefe, Seu Antônio Chico, citando como exemplo a meia lua:

A meia lua tinha 24 dançantes e não pode se misturar, a cor é diferente. Puxa um canto e faz a meia lua. O significado é pra saudar alguém, a Rainha ou algum convidado.

Há também uma coreografia executada com lenços, onde os dançantes formam um túnel para que, aos pares, possam ir passando por debaixo dos lenços até chegar à ponta, onde voltam a se integrar às fileiras que, juntos, fazem o túnel. Essa coreografia, muito bonita, é orientada pelo capitão de espada, que organiza as varas e exige movimentos coordenados, em duplas. Mas, na maior parte do tempo, dançado, os participantes se colocam em fila e fazem evoluções com os braços soltos.

Na luta entre as duas facções da guerra, é notável a graça dos volteios dos capitães de espada ao fazerem as evoluções. O momento do toque entre as espadas que se entrechocam é esperado por todos, e os outros participantes ficam em círculo, apreciando o combate.

Em Aguapé, os Reis, os pajens e os festeiros do ano, assim como os escolhidos para serem festeiros do próximo ano, ficam em frente à capela para assistir à dança. Depois, vão para o salão de festas ao lado da capela, onde é servido um almoço, com churrasco à vontade e salada. Alí ainda acontecem alguns momentos de dança, quando as crianças participam com desenvoltura. Por fim, tem lugar o leilão das prendas que foram doadas: roupas, sandálias, chinelos, diferentemente de Mato do Tição, onde as prendas são sempre guloseimas.

Ao final do leilão, os maçambiqueiros saúdam os festeiros que se despedem e os do ano vindouro, que são chamados a ficar em frente aos Reis, em posição de destaque.

Nosso rei nossa rainha/ estão olhando com emoção
Nós dançamos para eles/ para dar nossa saudação.
É pro Jorge Salgado/ home de bom querê
Hoje chegou o dia/ nós queremos vê.
A patroa também/ é senhora de bom querê
Hoje chegou o dia/ nós queremos vê.
É pro festero velho/ home de bom querê

Hoje chegou o dia/ nós queremos vê./
É filho do rosário/ home de bom querê
Hoje chegou o dia / nós queremos vê.

E assim vão se seguindo as homenagens aos escolhidos, que vão ocupando o lugar em frente aos Reis. É desta forma que as tradições permanecem e se renovam entre as comunidades negras. No entanto, a dimensão simbólica da festa e das comemorações é a verdadeira questão que se quer levantar, verificando como os valores são passados de geração em geração, criando uma identidade que é construída na diferença.

Gloria Moura
Professora do Instituto de Artes da Universidade de Brasília

XXI Encontro Anual da ANPOCS